



LUTA e MEMÓRIA

Apresentação das “*Cartas de Março*” de Marx e Engels

Lucas Parreira Álvares*

1. Palavras preliminares

As correspondências de Marx e Engels – não só entre si, como também a terceiros – são fontes fundamentais através das quais torna-se possível compreender o contexto no qual esses dois intelectuais se inseriam. Ainda na década de 30 do século XIX, a famosa *Carta ao Pai* (Marx, 2006), escrita por Marx, nos aparece hoje como um material que contém informações preciosas sobre sua juventude; já as cartas enviadas a Adolph Sorge por Marx e Engels (1982) contribuíram para uma maior compreensão do contexto de desenvolvimento histórico estadunidense; as correspondências com Nikolai Danielson (Marx; Engels; Danielson, 1981), por exemplo, serviram para que Marx acompanhasse os efeitos da publicação de *O capital* na Rússia; entre outros destinatários, as cartas de Marx a Bakunin oferecem informações importantes sobre as discussões desses autores acerca da Primeira Internacional. Foram as correspondências também as principais fontes responsáveis por evidenciar as dificuldades financeiras de Marx principalmente no decorrer da década de 50 desse mesmo século, quando nosso autor era correspondente do *New York Daily Tribune*.

Independente do contexto, as cartas de Marx e Engels são fundamentais para compreendermos o despertar dos nossos autores para as descobertas históricas, suas percepções acerca dos debates da época, o sentimento junto à recepção de seu trabalho ao público. E por que não um material teórico significativo, ainda que em uma linguagem por vezes informal?

As cartas que Marx e Engels trocaram no mês de março do ano de 1868 – aqui apresentadas como “*Cartas de Março*” – oferecem não só elementos para que possamos compreender o pensamento desses autores, como também algumas informações biográficas acerca da saúde e da dependência financeira de Karl Marx. Antes de qualquer análise, porém, são necessárias algumas notas acerca do contexto que iremos tratar.

Do ponto de vista das lutas dos trabalhadores, a principal referência na segunda metade do ano de 1867 foi a grande paralisação dos proletários da indústria do bronze, em Paris, que se tornou uma luta pelo direito de organização sindical na qual os trabalhadores obtiveram vitória (Mehring, 2014, p. 419). Além disso, os meses que antecederam março de 1868 foram

* Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Agradeço especialmente aos professores Vitor Bartoletti Sartori, Carlos Magno Guimarães e Leonardo Gomes de Deus pelas dicas e sugestões incorporadas à tradução e ao texto de apresentação.

particularmente intensos para Marx. De um lado, devido à realização do segundo congresso da Primeira Internacional (Associação Internacional dos Trabalhadores, AIT), que aconteceu em Lousanne (Suíça) entre 2 e 8 de setembro de 1867; por outro, *O capital*, a principal obra de Marx, foi originalmente publicada dias depois do congresso, mais especificamente em 11 de setembro daquele ano.

O que dividia o tempo de Marx na transição dos anos de 1867-68 era o acompanhamento da repercussão que o tomo I de *O capital* já tinha obtido, bem como as pesquisas que este autor desenvolvia com a intenção de aprofundar sua crítica à economia política, algo que o perseguiria até o fim de sua vida. Março de 1868 marcava um semestre da publicação do Tomo I de *O capital* e, apesar dos percalços financeiros e de saúde, Marx mantinha seus estudos para o Tomo II, sobretudo no que dizia respeito à temática da propriedade de terra¹.

Investigações sobre a relação entre terra e propriedade já constava em alguns textos de Marx, principalmente nos *Manuscritos de 44-45*. Mas na pesquisa para o Tomo II de *O capital*, Marx buscou materiais que tratavam principalmente origem da

propriedade de terra, e assim, não demorou muito para se deparar com as obras do historiador alemão Georg Maurer². A descoberta de Marx da literatura de Maurer constitui o fio condutor que une as três cartas aqui traduzidas e apresentadas pela primeira vez de maneira integral para o português.

2. “Vestígios que falhamos em não ver”

Na *Carta de 14 de março*, Marx chama atenção de Engels para o fato de que, a partir dos estudos de Georg Maurer sobre a formação das aldeias germânicas, pôde concluir que “a propriedade da terra é de origem tardia”. Em sua resposta na *Carta de 19 de março*, Engels não pareceu ter tido o mesmo entusiasmo de Marx, mas reconheceu a importância de Maurer: “As coisas do velho Maurer são muito boas; é realmente notável quanto material ainda existem sobre esses assuntos, e quão pouco os professores são capazes de utilizá-los”. Porém, o interesse que Engels viria a ter com a origem da propriedade, fez com que, inevitavelmente, a obra de Maurer fosse redescoberta.

No segundo terço da década de

¹ Em suas próprias palavras: “no segundo volume (que certamente nunca virá à luz se minha saúde melhorar) a propriedade de terra será um dos temas tratados” (Marx, 1997, p. 229).

² Georg Ludwig von Maurer (1790-1872) foi um relevante historiador alemão. Os escritos mais importantes de Maurer são: *Einleitung zur Geschichte der Mark-, Hof-, Dorf- und Stadt-Verfassung und der öffentlichen Gewalt* (Munique, 1854); *Geschichte der Markenverfassung in Deutschland* (Erlangen, 1856); *Geschichte der Fronhöfe, der Bauernhöfe und der Hofverfassung in Deutschland* (Erlangen, 1862-1863), v. I a IV; *Geschichte der Dorfverfassung in Deutschland* (Erlangen, 1865-1866), v. I e II; e *Geschichte der Städteverfassung in Deutschland* (Erlangen, 1869-1871), v. I a IV.

1870, em sua *Literatura de Refugiados*, Engels recorre a Maurer para a comprovação da hipótese de que “a propriedade comunal da terra é uma instituição que encontramos (...) em todos os povos indo-germânicos da Índia até a Irlanda, e até mesmo entre os malaios³” (Engels, 2013, p. 49). Segundo Engels (*ibidem*, p. 50), “as comprovações mais exatas e os detalhes referentes à antiga propriedade comunal alemã podem ser verificados pela leitura dos diversos escritos de Maurer, que são clássicos a respeito desse assunto”.

Motivado por um pedido do Partido Socialista Alemão, e em consonância com o fato de que Engels (2006, p. 147) considerava ser imprescindível que os operários e os camponeses tivessem conhecimento da origem da propriedade fundiária, a edição alemã de *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* contou com um anexo de Engels intitulado *A marca*⁴, uma síntese da história agrária alemã (Silva, 2006, p. 141). Foi, sob a referência das obras de Maurer que Engels, de modo sistemático, desenvolveu esse texto:

A marca penetrou toda a vida pública, não somente da Ale-

manha, mas também do norte da França, da Inglaterra e da Escandinávia. E, no entanto, ela pôde a tal ponto cair no esquecimento, que só recentemente Georg L. Maurer logrou redescobrir seu significado efetivo (Engels, 2006, p. 148).

Engels afirmou que, em Maurer, encontrou todas as suas conclusões “sustentadas, além disto, com evidências, enquanto com as que lhes são paralelas ocorre exatamente o contrário, ou não estão sustentadas pelas evidências ou referem-se a um período que não está em causa” (Engels, 2006, p. 134). Mas Engels não deixou de tecer críticas à abordagem do historiador alemão. Em carta a Marx no dia 15 de dezembro de 1882 – ou seja, meses antes da morte deste – cujo objetivo era exatamente apresentar o texto *A marca* ao socialista alemão, Engels diz ter encontrado em Georg Maurer algumas contradições que poderiam comprometer o seu trabalho, e as enumerou:

(1) de seu hábito de apresentar evidências e exemplos misturando-os todos; (2) dos restos de seus preconceitos legalistas,

³ Vale notar como que Engels busca sempre uma generalização de modo mais apressada que Marx. Outros exemplos de uma argumentação assim podem ser verificadas tanto na análise que Musetti (2015) faz das formulações de Engels acerca das peculiaridades das comunas rurais da Rússia, quanto a de Álvares (2019) acerca das peculiaridades entre as leituras de Marx e Engels da obra *Ancient Society* de Lewis Morgan.

⁴ Engels explica: “O anexo *A marca* foi redigido com a intenção de difundir no partido socialista alemão alguns conhecimentos básicos sobre a história do desenvolvimento da propriedade da terra na Alemanha. Isto nos pareceu particularmente necessário numa época em que extensas camadas de operários urbanos já estavam incorporadas ao Partido e em que era preciso ganhar para a causa os operários agrícolas e os camponeses” (Engels, 2011, p. 9).

que sempre se atravessam em seu caminho onde quer que haja uma questão de compreensão de um desenvolvimento; (3) de sua grande falta de atenção para o papel desempenhado pela força; (4) de seu iluminado preconceito de que desde a tenebrosa Idade Média um constante progresso para melhores coisas deve seguramente ter ocorrido – isto o impede de ver não só o caráter antagônico do progresso real como, também, os retrocessos específicos (Engels, 2006, p. 134)⁵.

Retornando às *Cartas de Março*, podemos observar na correspondência do dia 25 que Marx reconhece a importância dos livros de Maurer por terem formulado uma nova concepção acerca da forma de sociedade comunal, do desenvolvimento tardio das cidades imperiais livres, do estado de imunidade dos proprietários de terra, da autoridade pública e da luta entre o campesinato livre e a servidão. Marx menciona que: “devido a certo ‘fanatismo cego’, até mesmo as melhores mentes falham em enxergar, a princípio, o que está na frente de seus nari-

zes (...) mais tarde, quando chega a hora, nos surpreendemos encontrando por toda parte vestígios que falhamos em não ver” (Marx, 2020, p.). A própria realidade de vida de Marx, colocou-o diante de um desses “vestígios”. Marx conta, nessa mesma carta, que em sua própria vizinhança nas montanhas da Prússia, o “velho sistema alemão sobreviveu até poucos anos (...) lembro-me agora de meu pai conversando sobre isso comigo” (Marx, 2020, p.).

Esse “esquecimento” que Engels menciona, motivado por esse “fanatismo cego”, a que Marx refere, constituem o ponto central dessas cartas. Para Marx, uma das reações à Revolução Francesa e ao Iluminismo foi olhar para dentro da era primitiva de cada povo, “e essa corresponde a uma tendência socialista”, ainda que não houvesse uma conexão consciente entre os ideais socialistas e as sociedades comunais da Europa. É interessante notar que ao mesmo tempo em que Marx demonstra um certo entusiasmo com as descobertas realizadas acerca dessas formas sociais – o que motiva inclusive um aprofundamento dos estudos do velho mouro sobre essa questão nos anos seguintes verificado

⁵ Maurer é novamente citado numa carta de Marx a Engels no dia seguinte, 16 de dezembro de 1882 (Engels, 2006, p. 135).

nos assim chamados *Cadernos etnológicos*⁶ – em momento algum ele as apresenta como um modelo a se referenciar. Ou seja, ele deixa implícito que atrás da montanha a se escalar não estaria nem o progressismo iluminista nem tampouco uma aclamação do passado – o que o afasta, por exemplo, de uma abordagem “romântica”⁷.

Nunca é demais recordar da passagem do *18 Brumário de Luís Bonaparte* na qual Marx (2011, p. 29) afirma que “não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução social do Século XIX pode colher sua poesia”. É verdade que essa passagem antecede algumas das principais experiências de tomada de poder do trabalhador, como por exemplo, a Co-

muna de Paris, que trouxe ensinamentos importantes para a tradição socialista⁸. Contudo, a revolução socialista não pode ser compreendida tal como se compreende uma hipótese, cf. (Badiou, 2012), o que implicaria em uma visão teleológica da história. Mas retomemos às propriedades contidas nas próprias *Cartas de Março*.

Outra temática tratada nas correspondências e que possui relação direta com a discussão proposta é a assim chamada “propriedade asiática”. Na carta de 14 de março de 1868, Marx diz:

Minha observação de que a forma de propriedade asiática ou indiana constituem as primeiras

⁶ Sob o título de *Ethnological notebooks of Karl Marx* (1972), Lawrence Krader editou e publicou os cadernos em que Marx supostamente tratou de assuntos “etnológicos”. Porém, “dos quatro autores dos *Cadernos etnológicos*, Phear e Maine eram juristas de formação, e inclusive fizeram carreira na área; já Lubbock é um dos percussores da produção de conhecimento arqueológico, sendo um dos responsáveis por conceber a arqueologia como uma disciplina científica; e Morgan, esse sim, mesmo tendo sua formação enquanto jurista, destinou sua carreira para os temas etnológicos. As notas desses quatro autores, na verdade, constituem aproximadamente apenas metade dos cadernos de Marx de 1879 a 1882 que contém informações sobre sociedades não ocidentais e pré-capitalistas. Além dos editados por Krader (...) e nesse bojo incluo aqui também os *Cadernos Kovalevsky*, ainda constam anotações dos seguintes autores: o funcionário público colonial Robert Sewell e seus escritos sobre a história indiana; os historiadores e juristas alemães Karl Bücher, Ludwig Friedländer, Ludwig Lange, Rudolf Jhering e Rudolf Sohm sobre a formação do Estado, classe e gênero em Roma e na Europa medieval, o advogado britânico J.W.B. Money e seus estudos sobre a Indonésia; dentre outros trabalhos acerca do que hoje entendemos como antropologia física e paleontologia. É notória a intenção de Krader, como antropólogo, em selecionar os textos assim chamados ‘etnológicos’ de Marx para a edição que organizou. Entretanto, me parece que da mesma forma um jurista poderia ter selecionado textos e seu critério e organizado os ‘Cadernos jurídicos’ de Marx, ou que um geólogo pudesse editar os ‘Cadernos paleontológicos’. A constatação é: apesar dos esforços de Krader (...) os anos finais da vida de Marx não foram destinados apenas aos estudos assim chamados ‘etnológicos’” (Álvares, 2017). Para uma visão mais aprofundada e específica sobre os chamados *Cadernos etnológicos* de Marx, cf. Álvares (2019).

⁷ Para uma aproximação entre Marx e o pensamento romântico, conferir Löwy e Sayre (2015). Para um distanciamento, conferir Sartori (2018) e Álvares (2020).

⁸ No prefácio à edição alemã do Manifesto Comunista, assim como nos textos que compõem a coletânea Guerra Civil na França, Marx enfatiza a importância da Comuna de Paris, sobretudo por ter demonstrado que “não basta que a classe trabalhadora se apodere da máquina estatal para fazê-la servir a seus próprios fins” (Marx e Engels, 2010, p. 72).

por toda a Europa, recebe novas evidências aqui (muito embora Maurer não saiba nada sobre isso). Mas para os Russos, desaparece o último traço de originalidade, mesmo nessa linha⁹ (Marx, 2020, p.).

As observações de Marx sobre as formas de propriedade asiática e indiana foram expressas pela primeira vez no Prefácio da *Contribuição à crítica da Economia Política*, ainda em 1859, quando o chamado “modo de produção asiático” lhe chamou a atenção. Marx afirma que “em grandes traços, podem ser os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno designados como outras tantas épocas progressivas da formação da sociedade econômica” (Marx, 2008, p. 50). Ao mencionar a propriedade em sua forma primitiva, ou seja, encontrado no “umbral¹⁰ da história de todos os povos civilizados” (Marx, 2008, p. 61), Marx explica, através de uma nota de rodapé, que

Nesses últimos tempos, espalhou-se o preconceito ridículo de que a forma primitiva da propriedade comunal é uma forma especificamente eslava e, mesmo, exclusivamente russa.

Contudo, é uma forma de propriedade encontrada entre os romanos, os germanos, os celtas e, ainda hoje, pode ser encontrado um tipo padrão, com diferentes amostras, embora em fragmentos e em destroços, entre os hindus. Um estudo aprofundado das formas de propriedade não dividida na Ásia e, sobretudo, na Índia mostraria como das distintas formas da propriedade comunal primitiva surgiram formas diversas de dissolução. Assim, por exemplo, os distintos tipos originais da propriedade privada em Roma e entre os germanos podem ser derivados das diferentes formas da propriedade comunal da Índia (Marx, 2008, p. 61).

Marx aprofunda essa questão n’*O capital*. Em linhas gerais, havia nas comunidades indianas antigas uma posse comum das terras pelas famílias ou pelos grupos de aldeões, e a grande parte da produção era para uso direto dos próprios aldeões. Os artesãos e os outros trabalhadores especializados produziam bens e serviços diretamente para a comunidade onde residiam e, em troca, eram mantidos por ela. Assim, com exceção da porção

⁹ Ao tratar da Rússia, Marx certamente se refere às Comunas Rurais, ou comunidades agrícolas, caracterizadas por possuírem um agrupamento social baseados não nas relações de parentesco, mas sim nas relações de vizinhança, devido ao fato de que suas casas e terrenos circundantes são de propriedade familiar. A propriedade de terra também é comum, muito embora seja dividida periodicamente entre os integrantes da comuna num modelo de posse temporária familiar. Para as observações de Marx e Engels acerca das comunas rurais na Rússia, vide *Lutas de Classes na Rússia* (Marx e Engels, 2013).

¹⁰ “Entrames”.

excedente que era tomada pelo Estado, os bens, sob o manejo dos índios, não se tornavam mercadorias (Marx, 2013).

Já nos fins da década de 70 do Século XIX, ainda sobre o mesmo tema, Marx fez extratos e comentários da obra *Posse comunal da terra: causas, processos e consequência de sua dissolução* (1879), então recentemente publicada pelo sociólogo russo Maksin Kovalevsky. Os extratos e comentários de Marx a Kovalevsky vieram a público somente em 1975 como anexo da obra *The asiatic mode of production*, organizada pelo antropólogo Lawrence Krader¹¹ – responsável também por apresentar ao público, três anos antes, os chamados *Cadernos etnológicos* de Marx. Inusitado que Marx tenha se utilizado exatamente de Maurer ao comentar uma passagem do sociólogo russo¹²:

A determinação do grau de parentesco com o ancestral se torna ainda mais difícil no decorrer do tempo e pelo aumento do número de membros do clã. Isso se torna impossível assim que mudanças violentas acontecem, quando a composição do clã é quebrada através da guerra com os clãs vizinhos, quando os laços de parentesco

são destruídos, suas terras são parcialmente roubadas ou convertidas em terras cultivadas. Assim, Thomas em seu “*Report on the settlement of chluklah*”, escreve: “Seria incorreto acreditar que as famílias passaram a se multiplicar de maneira normal, sem divisão desde o tempo de sua formação inicial até o tempo presente. Mudanças violentas acontecem mais de uma vez. Tribos inteiras desaparecem sob a pressão de clãs estranhos e, como resultado de conflitos internos com os vizinhos”. Como consequência desses acidentes [*para aqueles que a colonização intencional (no sentido de Maurer) também deve ser levado em consideração*] as partições individuais na terra comunal cessam de fato – pelo menos nesta conexão geral - para corresponder ao grau de parentesco com o chefe da tribo (Marx, 2015, p. 127).

Marx faz menção a Maurer também em outras passagens dos *Cadernos Kovalevsky* (Marx, 2015, pp. 145, 180, 197), principalmente como uma referência precursora dos estudos acerca das formas sociais comunais. O mesmo acontece nos demais *Cader-*

¹¹ Os *Cadernos Kovalevsky* estão disponíveis em espanhol como parte da obra *Escritos sobre la comunidad ancestral* (2015). Há uma previsão de publicação desses escritos para o português no ano de 2020 através da Revista Práxis Comunal.

¹² A passagem a seguir corresponde a um fragmento do texto de Kovalevsky reordenado por Marx. Entre colchetes o comentário é do próprio Marx.

nos etnológicos de Marx (Marx, 2015, pp. 617, 622). Evidências trazidas a Marx através da literatura histórica de Maurer acerca do propriedade asiática foram fundamentais não só para que Marx aprofundasse suas investigações para os tomos II e III de *O capital*¹³, como também para se opor à “opinião idiota dos Junkers de Westfalia” – como diz em uma das cartas em referência aos aristocratas prussianos¹⁴.

Entretanto, Marx parece se incomodar com o fato de que Maurer não percebeu “aquilo que estava a frente de seu nariz”. Embora o velho historiador germânico tenha se referido à África e à América, Marx se surpreende por Maurer não ter mencionado os Celtas, esses que tinham um livro de leis do Século XV que, nas palavras de Marx, era “inteiramente comunista”

(Marx, 2020, p. X). Ainda que Marx não tenha explorado essa questão, coube a Engels, décadas depois, esclarecê-la a seu modo. Na obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, Engels dedica um capítulo inteiro à gens¹⁵ Celta e Germânica. O livro “inteiramente comunista” o qual Marx se referiu é o código de leis do antigo País de Gales, que demonstra “um cultivo da terra em comum por aldeias inteiras” (Engels, 2010, p. 167). Para Engels, uma característica do modo de produção celta era que “cada família tinha cinco acres de terra para seu cultivo particular; afora isso, cultivava-se em um campo comum e a colheita resultante era repartida” (Engels, 2010, p. 168). Com a natureza expansionista do capitalismo¹⁶, esses modos de produção, tanto célticos quanto das mar-

¹³ Ainda sobre *O capital*, Marx (2013, p.147) se utilizou de Maurer no seu subcapítulo *O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo*. Na segunda edição, ao mencionar que “sob quaisquer condições sociais, o tempo de trabalho requerido para a produção dos meios de subsistências havia de interessar aos homens, embora não na mesma medida de diferentes estágios de desenvolvimento”, Marx menciona em nota de rodapé que “entre os antigos germanos, a grandeza de uma *manhã* de terra era medida de acordo com o trabalho de um dia e, por isso, a *manhã* também era chamada de *Tagwerk* (dia de trabalho), *Mannwerk* (trabalho de um homem), *Mannskraft*, *Mannshauet*, etc.” (Marx, 2013, p. 147) – informação essa coletada no livro *Einleitung zur Geschichte der Mark-Hof-Dorf-und Stadt-Verfassung und der Öffentlichen Gewalt*, de Georg Ludwig von Maurer, na página 129.

¹⁴ Em geral, os “Junkers” eram proprietários de terras que possuíam relações com o exército e o surgimento do estado prussiano, exercendo um papel dominante na política prussiana e posteriormente alemã (Mehring, 2014, p. 36) – a principal referência é Otto Von Bismarck, mas também Moser, citado por Marx na carta de 14 de março.

¹⁵ O termo “gens” é uma derivação abreviada de “comunidade gentílica”, em referência a unidade organizacional mínima da Roma antiga. Lewis Morgan se utiliza do termo para se referir a qualquer unidade mínima de outras formas sociais. Isso fez com que Morgan referisse às famílias iroqueses por “gens iroquesa”, embora a etnologia indígena contemporânea oporia essa denominação por “clã iroquês”. A utilização de “gens” por Engels recebe, assim, uma influência clara de Lewis Morgan em seu livro *Ancient Society*. Para um aprofundamento sobre a relação entre Engels e Morgan, cf. Álvares (2019).

¹⁶ “Na Europa ocidental, a pátria da Economia Política, o processo de acumulação primitiva está consumado em maior ou menor medida. Aqui, ou o regime capitalista submeteu diretamente toda a produção nacional ou, onde as condições ainda não estão desenvolvidas, controla, ao menos indiretamente, as camadas sociais que, decadentes, pertencentes ao modo de produção antiquado, continuam a existir ao seu lado” (Marx, 2013, p. 835).

cas alemãs, foram progressivamente dissolvidos.

Vê-se, portanto, que a perspectiva crítica ao capitalismo possuiu diversas formas, e quando seu ponto de partida são as formas sociais que precederam o modo de produção capitalista, essa perspectiva pode ser considerada uma espécie de “crítica romântica”, que por vezes sugere a associação a uma crítica revolucionária (Löwy e Sayre, 2015), como se esses termos se complementassem. Eis uma diferenciação importante de se ter em conta. Para não deixar passar “aquilo que está abaixo do nariz”, uma passagem de Marx da carta de 25 de março merece um pouco mais de atenção. Marx menciona duas reações à revolução francesa e ao iluminismo. A segunda reação foi tratada como um “olhar para dentro da era primitiva de cada povo”. Essa reação foi o que motivou a seleção dessas cartas, bem como sua tradução. Mas a primeira reação mencionada por Marx é igualmente importante. Ele diz: “A primeira reação contra a Revolução Francesa e ao Iluminismo nos fez pensar que era natural considerar tudo como medieval, romântico, e até mesmo pessoas como Grimm não estão livres disso” (Marx, 2020, p.).

Não iremos nos delongar sobre esse assunto, mas a consequência dessa reação ao Iluminismo e à Revolução Francesa foi o nascimento de uma “ideologia irracionalista” que, ao se opor à revolução, também o faz quanto ao conceito de progresso e é constituída, desde seu início, como uma defesa da velha sociedade aristocrática¹⁷ (Lukács, 2007, p. 40) – não de maneira espontânea, algo que também caracteriza o romantismo é essa visão de mundo contrária à racionalista. A importância de Marx para romper com esse irracionalismo é expressa por Lukács:

Somente com Marx se tornou visível o verdadeiro desenvolvimento do homem (...) em suas relações reais, concretas e contraditórias com outros homens. As relações entre os homens aparecem, então, como o fundamento da estrutura e da dinâmica de progresso, como órgãos vivos através dos quais a razão se realiza na história (Lukács, 2007, p. 44).

Embora um aprofundamento sobre os perigos de uma sedução romântica ao marxismo – tão difundida

¹⁷ Para Hobsbawm (2006, p. 16), o progresso em Marx “é algo objetivamente definível, que indica, ao mesmo tempo, o que é desejável; a força da crença marxista no triunfo do livre desenvolvimento de todos os homens não depende do vigor das esperanças de Marx neste sentido, mas da pretendida justeza da análise, segundo a qual é neste rumo que o desenvolvimento histórico, finalmente, conduzirá a humanidade”.

em nosso tempo – seja importante, não é este o foco do presente trabalho. Uma análise rigorosa e extensa desses perigos ainda é trabalho um trabalho a ser realizado¹⁸.

3. Considerações Finais

A importância dessas cartas pode ser demonstrada pela transversalidade que as informações nelas contidas apresenta com diversos aspectos das obras de Marx e Engels mas, principalmente, pelo papel esclarecedor que elas propiciam quanto à posição dos autores sobre as sociedades comunais que precederam o modo de produção capitalista. Apesar do aparente entusiasmo de Marx em relação às descobertas de sua investigação da obra de Maurer, é importante notar sua peculiaridade em tratar a questão com a devida cautela, como podemos verificar tanto na leitura que Marx faz do historiador alemão como pela leitura de outros de seus textos posteriores; ao passo que é comum a Engels – por mais que sua atenção à obra de Maurer naquele instante não tenha sido semelhante à de Marx – tirar algumas conclusões precipitadas em suas investigações, como pode ser

observado principalmente em *Literatura de refugiados* e em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, textos duramente criticadas por vezes devido a essa falta de rigor¹⁹.

Por um lado, as formulações teóricas de Maurer nunca obtiveram um lugar de centralidade em texto algum de Marx, enquanto Maurer foi para Engels sua principal referência do texto *A marca*, ainda que o autor de *Anti-Dühring* reconheça também algumas limitações do historiador alemão. Por outro lado, a leitura de Maurer se insere num momento em que Marx e Engels dispunham de um material bem escasso e questionável sobre as formas sociais que historicamente precederam o modo de produção capitalista, situação essa que foi alterada nas décadas seguintes com o desenvolvimento e expansão dos estudos antropológicos – Marx, principalmente, sempre esteve atento ao que surgia de mais sofisticado desses novos materiais. Diante das deficiências desses estudos, a obra de Maurer se apresenta como uma exceção, e o contato de Marx e Engels com esse autor teve como resultado um aprimoramento do conhecimento dos socialistas diante das formas comunais de sociedade.

¹⁸ Por exemplo, o autor Michael Löwy (2015) sugere que o romantismo seja uma das fontes da obra de Marx, junto com a economia política inglesa, o idealismo alemão e o socialismo utópico francês. Algumas críticas a essa associação estão começando a ser desenvolvidas (Sartori, 2018; Álvares, 2020).

¹⁹ Para uma boa análise acerca dessas diferenças de abordagem de Marx e Engels acerca dessa temática, vide Musetti (2014).

4. Referências

- ÁLVARES, Lucas Parreira. *Críticas ao artigo “Marx na floresta” de Jean Tible/Debate Margem Esquerda*. Disponível em Blog da Boitempo, 04/12/2017: <<https://blogdaboitempo.com.br/2017/12/04/criticas-ao-artigo-marx-na-floresta-de-jean-tible-debate-margem-esquerda/>>. Acesso em 04/07/2020.
- ÁLVARES, Lucas Parreira. *Flechas e martelos: leituras de Marx e Engels da obra Ancient Society de Lewis Morgan*. Belo Horizonte: Faculdade de Direito da UFMG, Dissertação de Mestrado, 2019.
- ÁLVARES, Lucas Parreira. “Romantismo ou Regeneração? Marx diante das comunas rurais na Rússia”, *Verinotio*. 2020, no prelo.
- ANDERSON, Kevin B. *Marx and the margins: on nationalism, ethnicity and non-western societies*. Chicago: University of Chicago Press, 2010.
- BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012.
- ENGELS, Friedrich. “A Marca”. Tradução: Christiana Freiras, João Quartim de Moraes e Lígia Osório Silva. *Crítica Marxista*. São Paulo: Ed. Revan, v.1, n. 17, 2006, pp. 147-63.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução: Leandro Konder. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- ENGELS, Friedrich. “Cartas a Marx (15 e 16 de dezembro de 1882)”. In: MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. 7ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006, pp. 134-6.
- ENGELS, Friedrich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. São Paulo: Edipro, 2011.
- ENGELS, Friedrich. “Literatura dos Refugiados”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de Classes na Rússia*. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013, pp. 17-57.
- HOBBSAWM, Eric. “Introdução”. In: MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-Capitalistas*. São Paulo: Paz e Terra, 7ª Ed, 2006, pp. 13-64.
- LOWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. Tradução: Nair Fonseca. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LUKÁCS, Gyorgy. *O jovem Marx e outros escritos*. Tradução: Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.
- MARX, Karl. *Carta ao Pai em Trier*. 2006. Disponível em: <<http://www.scientific-socialism.de/KMFEDireitoCAP4Port.htm>>. Acesso em: 04/07/2020.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução: Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. *Escritos Sobre la Comunidad Ancestral*. La Paz: Fondo Editorial y Archivo Histórico de la Asamblea Legislativa Plurinacional, 2015.

- MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. (Tradução: Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelman*. Tradução: Leandro Konder, Renato Guimarães. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da Economia Política. Livro 1: o processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. ***Lutas de classes na Rússia***. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras Escolhidas*. Tomo II. Tradução: José Barata-Moura, Eduardo Chitas, Francisco Melo e Álvaro Pina. Lisboa: Editorial Avante!, 1982.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; DANIELSON, Nicolai. *Correspondencia (1868-1881)*. Edição de José Aricó. Cidade do México: Siglo XXI, 1981.
- MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. Tradução: Paula Maffei. São Paulo: Sundermann, 2014.
- MUSETTI, Felipe Ramos. “Marx e Engels sobre a particularidade das lutas de classes na Rússia”, *Verinottio*. Belo Horizonte, v. 10, n. 20, 2015, pp. 216-219.
- SARTORI, Vitor. “Acerca da individualidade, do desenvolvimento das forças produtivas e do “romantismo” em Marx”, *Práxis Comunal*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2018, pp. 33-70.
- SILVA, Lígia Osório. “Notas introdutórias ao texto de F. Engels sobre a marca”, *Crítica Marxista*. São Paulo, v. 1, n. 17, 2006, pp. 141-146.

Recebido em 18 de março de 2020

Aprovado em 16 de maio de 2020